



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 07

Annelise Caetano Fraga Fernandez¹ e Bernardete Montesano²

¹ Mestrado em Antropologia e Sociologia e doutorado em Sociologia (UFRRJ). anelise.dias@gmail.com

² Graduada em Comunicação Social (Universidade Gama Filho). bernagroecologia@yahoo.com.br

Os relatos de experiências agroecológicas selecionados nesta Roda de Diálogo mostram a diversidade de práticas e de atores sociais em três regiões do País. Tivemos cinco experiências do Sudeste, duas do Norte e três do Nordeste. As temáticas são variadas, abordam desde plantas medicinais, saneamento, água, arte e cultura, mercados, desenvolvimento territorial, a formação de educadores e o ensino de jovens. Mas cada um desses temas geradores são apenas pontos de partida para uma construção que é necessariamente multidimensional.

Assim, observa-se que um projeto orientado à comercialização não consegue êxito se focar somente nos momentos de troca, mas deve entendê-lo em suas conexões com os consumidores e com as formas de organização política, familiar e de produção dos agricultores. Projetos deste tipo incentivam o protagonismo e a auto-gestão de grupos comunitários para além do Estado. Estão voltados para a autonomia dos grupos envolvidos e apoiados em metodologias participativas, subvertem e questionam formas antigas de acessar benefícios, nas quais um técnico ou político “cuida de tudo”, perpetuando assim um vínculo clientelista dos agricultores com esses órgãos ou pessoas.

A equipe do projeto de fortalecimento de uma Rede de Comercialização Solidária em Alegre - ES destaca que é preciso: "Saber porquê mudar, querer mudar e ter condições reais para experimentar as mudanças. Novos mercados surgem, a exemplo das redes de compra direta, que são canais alternativos às feiras. Fazendo uso de tecnologias de informática e com apoio da Universidade, ajudam os agricultores a vencerem os entraves das novas racionalidades impostas pelos mercados, sem contudo, privá-los de autonomia e responsabilidade no acompanhamento de diferentes etapas do processo.

Confirmando também o território como ponto de partida da construção do conhecimento agroecológico, os relatos de experiências mostram uma desnaturalização das práticas convencionais de



agropecuária, que ao longo de décadas esgotaram os recursos hídricos, a cobertura florestal e a biodiversidade. Historicamente, nosso modelo de desenvolvimento agrário tem sido marcado pela descon sideração às condições socioculturais e ecológicas de cada bioma, como por exemplo, o semiárido ou a realidade amazônica. Alguns dos projetos, portanto, procuram despertar nos agricultores, ribeirinhos e futuros educadores das áreas de Ciências Agrícolas um olhar sensível ao território, espaço de memória, cultura local, mas também de novas (e mais justas) relações sociais e de interação homem-natureza. Pensar que os homens não produzem apenas sua subsistência, mas também as condições de reprodução da natureza, orienta a ideia dos "plantadores de água", em Alegre (ES). "As experimentações participativas aparecem na forma de oito UPEPAs (Unidades Participativas de Experimentações em Plantio de Água), propriedades rurais utilizadas como espaço de teste e avaliações conjuntas, com trocas de experiência, dando visibilidade as inovações propostas e considerando a realidade de cada propriedade entre os agricultores do Município de Alegre, onde foram realizadas as capacitações (dia de campo)". Essas atividades culminaram na formação da Associação dos Plantadores de Água, o qual da continuidade para a ideia junto com o GAE Kapi'xawa.

A lógica, ao mesmo tempo tradicional e inovadora, dos sistemas agroflorestais composta com plantas medicinais demonstra a relação entre diversidade agrícola e biodiversidade e conecta o cuidado com a saúde e a alimentação, junto ao cuidado com as plantas. As integrantes do Coletivo Regina Pinho, no Assentamento Zumbi dos Palmares (Campos - RJ), realizam práticas de cuidado da saúde através da utilização de plantas medicinais e produtos fitoterápicos. Conforme a descrição do projeto: "isso possibilitou a ampliação do espaço de atuação das mulheres, colocando-as em contato com outras redes de sociabilidade legitimando a participação das mulheres nos espaços políticos. E criou a necessidade do acesso de direitos no âmbito jurídicos institucionais, essenciais na conquista de melhores condições de vida e de trabalho".

No campo de ensino da agroecologia, o relato de vivências da pedagogia da alternância, a interdisciplinaridade, em interação com os saberes locais nos ajudam a compreender o caminho para processos de transformação social que passam pela descoberta ou redescoberta do território e pela articulação conjunta de uma multiplicidade de atores. As atividades da Casa Familiar Rural de Breves,



na Reserva Extrativista de Mapuá (PA), mostram uma forma de organização e prática pedagógica pouco conhecida em outras regiões. Algumas vezes, tais iniciativas surgem de processos iniciais de mobilização pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pelos sindicatos, refletindo-se em um grau maior de politização de seus alunos, em outras, o caminho de mobilização ainda precisa ser construído pela iniciativa de educadores que demandam às instituições, tais como, as secretarias municipais de educação, condições para a realização do trabalho. Desde a construção do local, a escolha de um plano de formação e, depois, a escolha de temas geradores. De modo participativo, começa a construção de um plano de formação do ensino fundamental e ensino médio técnico em floresta. A pesquisa é tomada como princípio educativo e dá início ao Projeto: "O lugar onde eu moro". Os resultados da pesquisa trouxeram informações e saberes sobre a dinâmica dos territórios que têm sido incorporados nas práticas de ensino. A primeira turma de 2011 a 2014, formada inicialmente com trinta e cinco alunos, teve níveis muito baixos de evasão e o mesmo em 2014. Este processo de animação do território, com a participação de pessoas de diferentes comunidades, estimulou a realização de novos projetos tais como o Pronaf Florestal, compras pelo PNAE e PAA, bolsa verde e o melhoramento da frota de barcos da Resex, além da intensificação do movimento de mulheres no processo de produção de resinas, óleos e sementes.

Na contramão da história e com a chance de reinventar o ensino superior profissional, tecnológico, educadores e estudantes, profissionais de Ciências Agrárias e ou de outras áreas do conhecimento e formação vêm trazendo mudanças de conteúdos e metodologias para uma educação comprometida com a realidade e suas abordagens possíveis, contextualizando esse conhecimento e dialogando de forma qualificada e democrática. Assim, a Educação em Agroecologia rompe com um passivo histórico do ensino agrícola que sempre esteve comprometido com os padrões do agronegócio, dos latifundiários que esgotam o meio ambiente, onde produzem. Ela traz uma preocupação ambiental, social, humana das formas de lidar com a natureza.

Além disso, as iniciativas educacionais dos movimentos sociais, seja da Educação do Campo ou de uma educação que dialoga com o conhecimento dos territórios, sua cultura, seus diferentes atores, seus modos de vida, trouxeram cursos, formações com uma crítica ao ensino tecnicista, que não alarga



o conhecimento, mas só estreita para o interesse de mercados ou financiamentos.

Assim, o trabalho da LA (Licenciatura em Ciências Agrícolas) da UFRPE traz na formação dos estudantes valores que humanizam sua formação profissional. “Partimos do princípio que estes valores e práticas se aproximam dos princípios da educação em agroecologia” - afirmam no texto apresentado: "Significados de uma Formação Humanística na Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE: Diálogos com os Princípios da Educação em Agroecologia". O texto se propõe a analisar o significado dessa humanização em diálogo com os princípios da Educação em Agroecologia. Percebe-se uma reflexão para a reformulação curricular do curso. Na descrição sobre a experiência há uma boa descrição do curso, bem detalhado e com fundamentação. No projeto pedagógico desse curso há uma preocupação com a formação de educadores, para atuar na educação formal e não-formal, partindo da Educação do Campo, vinculando com a cultura e os conhecimento dos povos (pernambucanos, nordestinos...) "(...) por isso tomando a agricultura familiar e camponesa como central no processo educativo(...)". Também há um entendimento que o a forma como o currículo da LA está estruturado não supera o distanciamento e os desafios entre suas diversas dimensões formativas: “percebe-se ainda um conflito de valores humanísticos presentes na formação pedagógica, com os produtivistas/tecnicistas, presentes na formação específica”. Mesmo com todas as dificuldades entre o pedagógico e o específico de todo curso superior há uma consideração, com relação a educação superior na UFRPE, como um “campo em disputa”, sendo o contraponto concretizado pelos cursos como a LA e que se aproximam dos Grupos de Agroecologia, Redes, Articulações e a interação de educadores, estudantes que lutam por outra educação.

De uma forma mais lúdica, o trabalho de formação de educadores e educadoras, também do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, na UFRPE, traz uma experiência da turma do 5º período com a construção de jogos educativos contextualizando a convivência com o semiárido pernambucano. "(...) O objetivo central desse relato de experiência é demonstrar que é possível trabalhar o conteúdo técnico das Ciências Agrárias de forma lúdica e significativa na vida dos sujeitos, desde o técnico (a)/educador(a) como do educando (a)". Desta forma, a experiência “Aprender brincando no curso de Licenciatura em Ciências agrícolas da URFPE” traz jogos educativos como ferramenta pedagógica,



contribuindo na construção do conhecimento agroecológico, sendo uma alternativa na conceituação, na valorização da vivência, refletindo e experimentando de forma natural esse saber. No texto, há uma apresentação simples dos jogos, sendo bem descrita e de fácil entendimento. Também foi descrito, o excelente aproveitamento dos educadores (as) envolvidos e que houve uma apresentação coletiva onde eles puderam apresentar sua experiência para todo o curso (Semana de Culminância). Destaca-se a Vivência de Educação Contextualizada no semiárido onde, durante toda uma semana, a turma que produziu os jogos foi visitar o IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada) em Juazeiro, na Bahia que tem uma longa experiência em educação para a convivência com o semiárido. E conheceram uma escola da Agrovila Nova Esperança em Ouricuri, em Pernambuco”, onde a professora trabalha numa turma de educação fundamental e multisseriada e o conteúdo dialoga com a realidade, desde a prática produtiva, com o manejo da vegetação da caatinga, respeito com meio ambiente, conservação e melhor utilização da água”.

Ainda no campo do ensino formal de agroecologia, o Colégio Estadual de Educação Profissional Jubilino Cunegundes, localizado em Morro do Chapéu, na Bahia, traz a experiência do seu Curso Técnico em Agroecologia, destacando o estágio, como um momento chave na formação dos jovens educandos. Essa experiência vem reforçar como a agroecologia e seu estudo oportuniza a educação de jovens e adultos da agricultura familiar, com possibilidades concretas de bem-estar social, pois valoriza o conhecimento que esses jovens e adultos trazem de seus saberes familiares e experiências vividas com o conteúdo proposto no conteúdo escolar. Uma importante constatação foi de que a aproximação dos estudantes com as organizações presentes na região, durante seus estágios, despertou a necessidade da organização comunitária e a necessidade de cooperação.

Uma outra abordagem de base territorial, com maior grau de complexidade, é a implantação da política pública Territórios da Cidadania, pela sua abrangência territorial e número de organizações envolvidas. O relato de experiência do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial do Nordeste Paraense (NEDET), por exemplo, abarca uma área de cerca de 69 mil km² e é composto com uma diversidade do meio biofísico e social que desafia a articulação e a mediação na construção deste espaço de desenvolvimento rural, composto por quatorze municípios”. No ano de 2015, este NEDET



foi apoiado pelo Instituto Federal de Educação do Pará (IFPA) Campus Castanhal, em parceria com o Núcleo de Agroecologia do Instituto em atividades de formação do Colegiado Territorial de Desenvolvimento (CODETER) dos Territórios da Cidadania.

O processo educativo na formação e assessoria aos agentes de desenvolvimento territorial teve o objetivo de "fortalecer o capital social através de metodologias para a compreensão das realidades dos territórios". A organização da formação é descrita no texto com as temáticas e a divisão dos municípios trazendo com clareza a organização do Curso de Formação Territorial. A divulgação/mobilização teve um capítulo que se chamou "de boca em boca a mobilização correu solta", bem interessante para os processos de formação com suas dificuldades de comunicação. Sem dúvida um complexo e diverso processo que se desafia na busca de formação e informação, mas que também provocam para formas criativas de fazer circular o conhecimento agroecológico nos lugares desse país.

Em todos os relatos, chama a atenção a sinergia e colaboração entre órgãos públicos, tais como prefeituras, secretarias, agências de extensão rural, sindicatos, Ongs, associações e grupos comunitários. Em alguns casos, essas relações são construídas de modo orgânico e processual e, em outros, é o próprio desenho institucional da política pública que estimula a organização dos atores.

O projeto de saneamento implantado na Zona da Mata mineira é um exemplo do protagonismo dos grupos de extensão que se propõem a construir uma Universidade compromissada com seu território de atuação. Professores do Departamento de Engenharia Civil e de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e o grupo de estudantes Sauipe - Saúde Integral em Permacultura, desde 2009, vêm implantando tecnologias sociais de saneamento ecológico com base em metodologias participativas. "(...) Nos últimos seis anos o trabalho foi expandindo-se envolvendo diversas comunidades, extensionistas e docentes tendo como grandes parceiros Sindicatos de Trabalhadores Rurais, a Ong Centro de Tecnologias da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM) e prefeituras da região. Com isso, se consolidou hoje o Grupo de Extensão e Pesquisa em Saneamento Ecológico, vinculado a Universidade de Viçosa, que se junta com a EMATER local. Com essa possibilidade de adequação das condições de saneamento rural os agricultores(as) vislumbraram uma oportunidade de acesso as políticas públicas nacionais do PNAE e PAA. Entendendo como o projeto se desenvolve:



"(...) busca estratégias para a sensibilização e o entendimento da necessidade de melhorias, no que se refere a saneamento, sejam realizadas de forma coletiva com as populações e promovida por processos metodológicos que permitam o diálogo e a construção coletiva do conhecimento garantindo o compromisso das famílias com eventuais mudanças que sejam necessárias”.

Destaca-se a importância de uma temática como saneamento e o diálogo com os princípios da agroecologia e como estas podem aliar-se ao saber popular e tornar-se realidade em comunidades rurais com problemas de saúde relacionados ao bem viver. Vale a pena ressaltar que pelos relatos da experiência o saneamento básico significou mais do que segurança da saúde, do corpo e do ambiente a algumas famílias, mas concretizou o acesso a qualidade de vida e os resultados traduziram isso no monitoramento das ações.

É também da UFV o evento Troca de Saberes que realizar uma grande Instalação Artístico-pedagógica que já acontece por oito anos e vem construindo um “caminho inacabado”, segundo eles, na arte-educação agroecológica. Trata-se da experiência: Arte e Agroecologia em Cena na Troca de Saberes. Esta iniciativa busca dar visibilidade e voz a agroecologia, justamente em um evento organizado pelo agronegócio (chamado de Semana do Fazendeiro). Uma grande Instalação Artístico-pedagógica, formando uma aldeia de bambu, é montada e, ali, ocorrem rodas de conversas, danças, cantos, sons e ritmos, alimentos e encontros. Essa construção é o que os educandos da Universidade de Viçosa (UFV), extensionistas e colaboradores do Programa Teia, da assessoria e do Observatório dos Movimentos, chamam de arte-educação agroecológica: "(...) uma cidade é criada dentro do campus universitário abrindo-se ao estranhamento próprio da arte”. O objetivo é acolher e dialogar no espaço da universidade, temáticas que envolvem atores invisíveis, excluídos ou marginalizados, utilizando linguagens e subjetividades da arte e saberes da agroecologia, trazendo as expressões da diversidade. No texto, está o registro dos grupos, artistas locais e trupes que participam, as metodologias usadas, as fundamentações, autorias e inspirações. Por exemplo, as Instalações Pedagógicas foram inspiradas, nos anos 80, nos programas de formação dos trabalhadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e suas escolas sindicais. Assim, "(...) a Troca de Saberes é um espaço que busca democratizar o fazer artístico produzido pelos autores sociais da universidade e os sujeitos potencializadores das referências



culturais locais, uma vez que reúne a diversidade cultural e, primordialmente, orienta para a troca desses saberes. É um fazer artístico que encontra nesse ambiente de “ecologia de saberes” suas possibilidades de formação educacional, tanto pela própria presença, quanto pela prática das instalações artístico-pedagógicas”.

Com certeza, essa experiência é uma forma de horizontalizar os saberes acadêmicos e os populares, mas com a leveza e a possibilidade do confronto entre os diferentes que, ao se chocarem, se complementem e se acrescem mutuamente (“ecologia dos saberes” em contraposição à “monocultura do saber científico”, a luz de Boaventura de Sousa e Santos).

Dando vozes ao conhecimento construído pela Troca de Saberes que a agroecologia nos proporciona, agora é ouvir dos autores dos relatos, a história que eles têm para nos contar. Então vamos lá!